

<sup>1</sup>Deysi Cioccarì

**Resumo:** O presente artigo busca analisar como a religião tornou-se o centro do debate político nas eleições municipais para prefeitura de São Paulo em 2012. Antes restrita à peregrinação de candidatos, nessa disputa formou-se uma verdadeira “Guerra Santa” atrás do apoio de líderes religiosos. Buscamos entender como o tema antes restrito à esfera privada tornou-se um dos principais assuntos da mídia. Para tanto, seguiremos a partir do conceito de esfera pública proposto por Jürgen Habermas na tentativa de entender o reflexo entre o sagrado e o político na busca pelo poder. Como análise, utilizamos o caderno Eleições da Folha de São Paulo no período de 1º de setembro a 1º de novembro de 2012.

**Palavras-chave:** Comunicação. Esfera Pública. Política.

**Abstract:** This article analyze how religion became the center of political debate in municipal elections for São Paulo’s mayor in 2012. Formerly restricted to the pilgrimage of candidates, in this race it was formed an actual "holy war" after the support of religious leaders. We seek to understand how the theme once restricted to the private sphere has become one of the main topics of the media. To do so, we will follow the concept of the public sphere proposed by Jürgen Habermas in an attempt to understand the reflection between the sacred and the political quest for power. As an analysis, we will use the page “Eleições” from Folha de São Paulo in the period from September 1<sup>st</sup> to November 1<sup>st</sup>, 2012.

**Key-words:** Communication. Public Sphere. Politic.

## 1- Introdução

Nas eleições municipais para prefeitura de São Paulo, no ano de 2012, a religião roubou a cena do debate político. Se antes as convicções religiosas diziam respeito à esfera privada dos grupos e indivíduos, ou mesmo ainda, o tema era restrito à peregrinação de candidatos em busca de apoio dos fieis, de qualquer que fosse a religião, nessa disputa verificou-se uma midiaticização e até espetacularização do assunto. A religião tornou-se debate da esfera pública. Para Jürgen Habermas (2003 a), a esfera pública seria a esfera de legitimação do poder público. Segundo suas palavras:

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP. E-mail: deysicioccarì@gmail.com

Esses juízos interditados são chamados de “públicos” em vista de uma esfera pública que, indubitavelmente, tinha sido considerada uma esfera de poder público, mas que agora se dissociava deste como o fórum para onde se dirigiam as pessoas privadas a fim de obrigar o poder público a se legitimar perante a opinião pública. O publicum se transforma em público, o subjectum em sujeito, o destinatário da autoridade em seu contraente. (HABERMAS, p. 40)

Ainda para Habermas (2003 a, p. 103), o modelo inicial tratava da esfera privada composta pelo espaço íntimo da família e pela sociedade civil burguesa, atrelada ao trabalho e a troca de mercadorias; a esfera pública, que era composta por uma esfera pública política e uma esfera pública literária da qual a primeira se originava. Dessa maneira, a esfera pública política teria a função fundamental de, através da opinião pública, intermediar as relações entre o Estado e as necessidades da sociedade. Ambas as esferas seriam garantidas pelos direitos fundamentais, porque através destes estaria assegurada a autonomia privada, principalmente da família e propriedade, as instituições públicas como partidos, a imprensa, as funções políticas e econômicas do cidadão e, ainda, as funções relacionadas à capacidade de comunicação dos indivíduos enquanto seres humanos, como exemplo, o princípio de inviolabilidade de correspondência.

Mas os candidatos na busca pelo apoio buscaram negociações diretas e declarações formais às suas candidaturas. O que se passa é uma mudança na definição do que seja política ou religião. De um lado, os limites do político extrapolam o estado, o que atesta a insuficiência do neutralismo e da separação entre igreja e estado para disciplinar a relação religião/política. Também não faltaram ânimos acirrados. A ascensão do candidato do PRB Celso Russomanno, cujo partido é diretamente ligado à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), apimentou ainda mais a disputa.

Russomanno se filiou ao PRB em 2011 para disputar a Prefeitura de São Paulo, depois de deixar o Partido Progressista (PP). Manteve um programa de televisão em que falava diretamente ao consumidor e se auto-intitulou seu defensor. Mantinha uma forte ligação com o eleitor, desde muito antes da campanha municipal 2012. Porém, como explica Vera Chaia (2012):

A espontaneidade na política deixou de existir. Tudo é medido e ponderado para que a liderança se saia bem em todos os atos de sua vida política. Neste sentido a busca da visibilidade é o fundamental e o modo como o político aparece na mídia é um dos itens mais importantes na construção e manutenção de uma liderança política. Como escreveu Régis Debray, nestes tempos, o político é refém da tecnologia/mídia. (p.13)

Tendo sido fundado em 2003, por partidários do ex-vice-presidente do Brasil José de Alencar, o PRB já tinha parceria firmada com a IURD: todos os deputados ligados a essa igreja migraram para o partido desde o credenciamento, e levou à eleição, em 2008, do bispo Marcelo Crivella (PRB/RJ) como o seu primeiro Senador. O PRB ficou conhecido como o braço político da IURD. Um dos nomes que apareceram frequentemente na campanha 2012 foi o de Marcos Pereira, presidente nacional da sigla, ex-executivo da Record e bispo licenciado. Um post publicado em seu blog, em maio de 2011, motivou o capítulo mais tenso da “Guerra Santa” em São Paulo. O texto criticava o então Ministro da Educação Fernando Haddad e seu projeto do "kit anti-homofobia" (que ficou conhecido como "kit-gay") para as escolas e também recriminava a Igreja Católica por ter apoiado tal projeto e por influenciar o ensino público. O artigo voltou a circular pela internet logo no início da campanha eleitoral. Esse fato originou uma nota em setembro de 2012, em que a Igreja Católica declarava somente então ter tido conhecimento sobre o texto. Na nota, a Igreja acusa Pereira de promover intolerância religiosa e acrescenta a acusação de ser o PRB "manifestadamente" ligado à IURD.

Some-se a isso a liderança nas intenções de voto de Russomanno durante todo o primeiro turno da disputa em São Paulo. Em pesquisa Datafolha divulgada no final de agosto, Russomanno já apareceu com 31% das intenções de voto, contra 22% de José Serra (PSDB) e 14% de Fernando Haddad (PT). Esses números transformaram a polarização paulistana PT vs. PSDB em Russomanno vs. Serra/Haddad. Russomanno passou a ser apresentado como "o" candidato da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), com compromissos com esse grupo. Unido ao apoio de uma grande corrente evangélica o crescimento do candidato do PRB foi diretamente associado à sua escalada nas pesquisas.

Sua ligação com a Universal proporcionou uma espetacularização do tema religioso. O candidato foi constantemente questionado sobre o assunto, em algumas ocasiões mostrando irritação. Por diversas ocasiões o candidato do PRB tentou desvincular sua figura e de seu partido da Igreja Universal.

Há de se ressaltar uma cena complexa em torno do debate da religião no cenário político de São Paulo. A força política da IURD, que estabeleceu metas políticas claras no cenário brasileiro, fazendo até mesmo com que a Igreja Católica entrasse na “guerra,” demonstra uma mediação do cenário que até então era relegada à segundo

plano. Nesse contexto, parece que um dos fundamentos da democracia moderna, a separação entre a Igreja e o Estado e a garantia de que o exercício da cidadania política independe das crenças religiosas de cada um, foi esquecido. Em contrapartida, o Estado deveria garantir a imparcialidade no trato com as diferentes Igrejas e a liberdade religiosa. Porém, como bem explicam Gianpiero Mazzoleni e Winfried Schulz (1999) vivemos na era do remix, onde todas as áreas da vida em sociedade se misturam. A política deixou de ser feita somente por políticos e passou a ser uma atividade que se faz em espaços institucionais. A religião passou a fazer parte do sistema político ajustando-se às demandas dos meios de comunicação. Nesse artigo, procuramos entender a proporção que esse debate tomou e até que ponto o envolvimento da religião e sua mediação no debate político são válidos. Para tanto, analisamos o caderno Eleições do jornal Folha de São Paulo de 1 de setembro a 1 de novembro de 2012.

## **2- A Guerra Santa: Igreja e Estado na mesma esfera**

Como bem lembra Luis Mauro Sá Martino (2012):

“as pesquisas sobre mídia e religião posicionam-se em uma região de fronteira entre as teorias da comunicação e a sociologia da religião. A configuração interdisciplinar do tema deve ser lembrada para ressaltar que a mediação da religião acontece em um contexto de mediações histórico-sociais onde forças políticas e econômicas estão igualmente ativas e poderiam ser estudadas”. (p.220)

Dito isso, mais do que discutir se a busca de votos surtiu efeitos, devemos analisar como o tema religião tomou essa proporção, saindo da esfera privada para a pública, nas eleições em São Paulo. A novidade Russomanno, candidato claramente ligado à IURD forneceu às eleições uma outra medida. A capacidade de mobilização dos religiosos também chamou a atenção dos políticos que, até então centravam suas ações em escolas e postos de saúde.

No dia 5 de setembro, pesquisa DataFolha mostrou que Russomanno havia aberto 14 pontos de vantagem sobre José Serra. No dia seguinte, 6 de setembro, a Folha noticia no caderno Eleições que os candidatos Serra e Haddad “mudam suas táticas” e passam a atacar o PRB. Primeiro sinal de que a polarização havia mudado. Ainda nessa mesma edição a primeira matéria “identificatória”: “Pastores da Universal chefiam a campanha de Russomanno”.



Figura 1: Folha de São Paulo / 6 de setembro de 2012

Em 8 de setembro a polêmica retorna, dessa vez com uma fotografia de Russomanno e a manchete: “Pastores pedem voto para Russomanno durante pregação. Evidencia-se aqui o agendamento jornalístico do assunto. O jornalismo da Folha de São Paulo ressaltou constantemente o assunto, oferecendo páginas com matérias e fotografias que, muitas vezes, ocupavam todo seu espaço. Para tanto, vale lembrar que a comunicação de massa é relacionada com outros processos comunicativos sociais, tendo em conta o papel ativo da audiência na construção das suas imagens da realidade, para as quais depende quer dos media que de outras fontes de informação.



Figura 2: Folha de São Paulo / 8 de setembro

O candidato Russomanno aparece ao lado do pastor Marcos Galdino. A matéria trata do aniversário do pastor e reproduz as aspas dele: “Eu quero pedir um presente para vocês. Levem o nome do Celso Russomanno para mais cem pessoas. Vocês têm famílias, parentes, pessoas onde vocês trabalham. Temos uma meta a ser alcançada.” A participação do pastor e, de uma certa forma, dos fieis, são um exemplo de que “tanto o teatro como a política são espaços nos quais somos levados a participar.” (CHAIA, 2007). Ambos exigem o engajamento e a cumplicidade entre o ator (político, nesse caso, Celso Russomanno, que se dispôs ir ao culto no dia do aniversário do pastor) e entre o público (fieis). Como afirma Ângela Cristina Salgueiro Marques, as emoções ajudam a eleger informações relevantes para a discussão de um assunto de interesse coletivo. As emoções não somente regulam a atenção oferecida ao cenário político como, por vezes, facilitam o engajamento em debates.



Figura 3: Folha de São Paulo 9 de setembro

Na reportagem de 9 de setembro, a repórter Luiza Bandeira da Folha de São Paulo passou o dia inteiro acompanhando a movimentação em frente ao principal templo da Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo e constatou a entrada e saída de cabos

eleitorais de Russomanno no local. A polêmica originou no dia 10 de setembro uma fotografia na principal coluna de política da Folha, a Poder, e uma matéria no caderno Eleições. O candidato do PRB nega a denúncia feita pelo jornal.



Figura 4 e 5: Folha de São Paulo / 10 de setembro

A disputa torna-se acirrada e no dia 11 de setembro, novamente em tom de denúncia, a Folha noticia que o candidato do PSDB, José Serra, além de montar uma cartilha para desqualificar o candidato da IURD, participou de uma “maratona” de cultos evangélicos, no entanto, sem divulgar em sua agenda. O texto informa também que Serra “foi abençoado por fiéis, deu testemunhos e teve a vitória ‘invocada’ pelo apóstolo Agenor Duque, líder da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus”.



Figura 6: Folha de São Paulo / 11 de setembro



Figura 7: Folha de São Paulo / 14 de setembro

No dia 14 de setembro, a Igreja Católica manifesta-se pela primeira vez e faz um “duro ataque” à campanha de Celso Russomanno, conforme informa o jornal. Em nota, a Arquidiocese de São Paulo declarou que uma eventual vitória do candidato do PRB seria uma “ameaça à democracia”. “Se já fomentam discórdia, ataques e ofensas sem o poder, o que esperar se o conquistarem pelo voto? É para pensar.”, dizia a nota. A nota seria uma resposta da Arquidiocese ao texto do bispo e coordenador da campanha de



Celso Russomanno Marcelo Pereira, no qual ele criticava o kit anti-homofobia proposto pelo candidato do PT, Fernando Haddad, enquanto ministro da Educação. Mesmo com matéria na mesma página afirmando que “Engajamento religioso não alavanca candidatos em SP”, no dia seguinte, a Folha abre espaço para Russomanno, que diz ser “alvo de jogo sujo”. As emoções extrapolam o campo político e devem ser entendidas como resultado de interações sociais e entendimentos culturais e que, ao trazerem para os discursos os desejos e histórias de vida, elas possuem uma chance maior de criar conexão com os outros. A religião faz parte dos entendimentos culturais, portanto, pode não alavancar candidato, mas o torna mais próximo do cotidiano extra-palanque. A Igreja torna-se um espaço de discussões, como se fosse um debate preparado por um canal de televisão. GianpetroMazzoleni e Winfried Schulz (1999) esclarecem que a política deixou de ser feita exclusivamente por políticos e de ser uma atividade que se faz exclusivamente em espaços institucionais. Hoje, todos podem ser atores de comunicação e da política. Se, por um lado mais pessoas podem participar da agenda política, por outro lado a política se reduz a entretenimento e espetáculo.



Figura 8: Folha de São Paulo / 15 de setembro

“Russomanno diz que é alvo de jogo sujo” explicita bem essa relação mídia, espetáculo e religião. A religião, definitivamente, torna-se o centro do debate político, e em 17 de setembro, o chefe da Arquidiocese de São Paulo, dom Odilo Scherer, manifesta-se. A ordem é que a nota contra Celso Russomanno seja lida nas missas.



Figura 9 e 10: Folha de São Paulo / 17 de setembro

Na mesma edição, o candidato Celso Russomanno afirma que não fará uma “Guerra Santa” e mantém ainda a liderança isolada nas intenções de voto. Russomanno aparece com 32% enquanto o segundo colocado, José Serra, tem 20% das intenções de voto. Em 19 de setembro, outra polêmica religiosa toma conta do debate midiático. O cardeal dom Odilo Scherer acirra a polêmica e recusa-se a receber o candidato do PRB antes de um debate que a Arquidiocese promoveria entre os candidatos à prefeitura, no dia seguinte (20 de setembro). Russomanno afirma ter a intenção de que dom Odilo o conheça melhor, mas o cardeal afirma ter “agenda cheia” e nega o convite. “O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo”. (DEBORD, 1997, p. 17) É a política movendo-se no terreno da política pop.



Figura 11: Folha de São Paulo / 19 de setembro

Em 20 de setembro foi o chefe da Arquidiocese de Santo Amaro, dom Fernando Figueiredo quem defendeu o candidato do PRB afirmando ser ele “um bom católico”. Porém, no debate promovido pela Arquidiocese de São Paulo, mesmo não comparecendo, Russomanno foi alvo de ataques e o assunto tomou proporções midiáticas por mais um dia. Ainda no caderno Eleições de 22 de setembro, a Igreja vira o centro do debate, mas dessa vez, sem associar-se a qualquer candidato diretamente. Mas uma página inteira da Folha de São Paulo discute o tema. Há uma crítica sobre o novo livro do bispo Edir Macedo em que ele atribui sua prisão, em 1992, à influência da Igreja Católica. Em outra matéria, na mesma página, vale ressaltar que na mesma página do caderno de Eleições, a Folha destaca a questão do celibato para padres junto com matéria sobre o Ficha Limpa e investigação da Abin.



Figura 12: Folha de São Paulo / 22 de setembro

Em 23 de setembro o assunto religião chega à capa do Jornal Folha de São Paulo, com uma declaração de Celso Russomanno afirmando que o conflito com a Igreja Católica é “letra morta” e destaca o encontro do candidato com dom Odilo Scherer. Ressalta-se no entanto, a ausência de imagem fotográfica do encontro dos dois.



Figura 13: Folha de São Paulo / 23 de setembro

Quando o assunto parecia encerrado e a impressão que se tinha era de trégua, a Folha de São Paulo noticia, em 26 de setembro, que uma eleitora pede para que Russomanno

“pare de agredir a Igreja Católica”. StigHjarvard (2008) explica que os meios de comunicação não apenas difundem as notícias, como modelam a recepção. A mídia é parte integrante da política. O assunto não se esgota. Mas esse era somente o prenúncio de algo maior que viria: a Rede Record de Televisão desmarca debate porque o candidato do PRB não poderia comparecer. O candidato tucano José Serra afirma que o canal de televisão protege o candidato do PRB. Haddad, do PT, tomou a atitude como “desrespeito”. E o confronto religioso tem uma nova pauta mediática.

Mediatization was first applied to media's impact on political communication and other effects on politics. Swedish media researcher KENT Asp was the first to speak of the mediatization of political life, by which he meant a process whereby “a political system to a high degree is influenced by and adjusted to the demands of the mass media in their coverage of politics” (Asp, 1986:359). One form this adaptation takes is when politicians phrase their public statements in terms that personalize and polarize the issues so that the messages will have a better chance of gaining media coverage. Asp sees media's growing independence of political sources as yet another sign of mediatization in that the media thereby gain even more control over media content. Asp acknowledges a debt to the Norwegian sociologist, Gudmund Hernes's expression, ‘mediatized society’ (Hernes, 1978), albeit Hernes' perspective was broader. (HJARVARD, 2008, p.106)

No dia seguinte (28 de setembro), pesquisa DataFolha divulga que Celso Russomanno teve uma queda de 5% nas intenções de voto em oito dias. De 35% caiu para 30%. José Serra oscilou de 21% para 22% e Fernando Haddad de 15% para 18%. Na mesma edição, em matéria de página inteira, o ministro da Pesca, Marcelo Crivella, do mesmo partido de Russomanno, declara que líderes da Universal e da Renascer sofrem perseguição. E a Folha destaca o assunto.



Figura 14: Folha de São Paulo / 28 de setembro



Figura 15: Folha de São Paulo / 2 de outubro

O sistema político ajusta-se às demandas dos meios de comunicação. Não há matérias sobre o transporte público ou a saúde. A escassez de informações transforma a sociedade e faz com que qualquer um, inclusive a Igreja, tenha condições de competir na emissão das mensagens. Os meios são dominantes como fornecedores de produtos culturais e crenças.

Jansson (2002) takes his starting point in the general mediatization of contemporary culture, which he describes as “the process through which mediated cultural products have gained importance as cultural referents and hence contribute to the development and maintenance of cultural communities. In other words, the mediatization of culture is the process that reinforces and expands the realm of media culture”. (JANSSON, 2002:14f in HJARVAD, 2008)



Figura 16: Folha de São Paulo / 4 de outubro



Figura 17: Folha de São Paulo / 5 de outubro



Figura 18: Folha De São Paulo / 5 de outubro

Dois dias antes das eleições a Folha publica “Eleição rima com religião”. Hjarvard (2008) explica que ninguém reage passivamente ao mundo. Essa interação “quase-mediada” pelos jornais possui reflexos principalmente no público religioso que tem interesse específico no assunto. As práticas religiosas mudaram nesse sentido. Aspectos estritos ao âmbito político, como o óbvio, políticos promoverem o debate, perderam o espaço para discussões entre cardeais e candidatos e defesas de padres à candidatos.



Figura 19: Folha de São Paulo / 8 de outubro





Figura 20: Folha de São Paulo / 10 de outubro

No dia 10 de outubro, a manchete “Líder evangélico diz que vai ‘arrebentar’ candidato petista”. De outro lado, há uma visível desinstitucionalização da religião, que se traduz na proliferação de igrejas, movimentos e grupos informais, que não mais se prendem aos protocolos de autorização ou sanção eclesiástica, bem como na difusão/disseminação do religioso para além das fronteiras reguladas pelas instituições religiosas.



Figura 21: Folha de São Paulo / 13 de outubro



Figura 22: Folha de São Paulo /13 de outubro



Figura 23: Folha de São Paulo / 18 de outubro



Figura 24: Folha de São Paulo / 26 de outubro

A esfera pública, na medida em que não é uma organização, também não constitui necessariamente um espaço. No entanto, da mesma forma que uma organização, ou outra forma de realização espacial, pode ter uma dimensão abstrata, a esfera pública pode, eventualmente, coincidir com alguma estrutura concreta. Mas, ela é mais complexa do que qualquer contorno que possa tomar. Isto fica mais claro neste trecho:

Além disso, as esferas públicas ainda estão muito ligadas aos espaços concretos de um público presente. Quanto mais elas se desligam de sua presença física, integrando também, por exemplo, a presença virtual de leitores situados em lugares distantes, de ouvintes ou espectadores, o que é possível através da mídia, tanto mais clara se torna a abstração que acompanha a passagem da estrutura espacial das interações simples para a generalização da esfera pública (HABERMAS, 2003b, p. 93).

Habermas mostra a convergência entre os papéis de cidadão e de indivíduo privado. Existem múltiplos papéis sociais que se entrecruzam e se combinam dotando, assim, o sujeito de informações para elaborar seu julgamento. Nas suas palavras:

Os canais de comunicação da esfera pública engatam-se nas esferas da vida privada – as densas redes de interação da família e do círculo de amigos e os contatos mais superficiais com vizinhos, colegas de trabalho, conhecidos, etc. – de tal modo que as estruturas espaciais de interações simples podem ser ampliadas e abstraídas, porém não destruídas. De modo que a orientação pelo entendimento, que prevalece na prática cotidiana, continua valendo também para uma comunicação entre estranhos, que se desenvolve em esferas públicas complexas e ramificadas, envolvendo amplas distâncias (HABERMAS, 2003b, p. 98).

Sendo assim, esfera pública e esfera privada não estão desconectadas; pelo contrário, cada uma tem ressonância na outra. A esfera pública capta e realça as temáticas existentes na esfera privada, problematizando-as e trazendo-as para o debate público. A esfera privada, por sua vez, incorpora os debates e agrega informações que influenciam na vida cotidiana e possibilitam refletir sobre a mesma. Também não é o conteúdo das temáticas que separam as duas esferas. Habermas escreve que são as condições de comunicação modificadas que as diferenciam.

### **3- Conclusão**

A religião foi o centro do debate eleitoral em São Paulo no ano de 2012 nas páginas do jornal Folha de São Paulo. Isso é fato. A novidade está em que estávamos acostumados a uma teoria da modernização vinda dos anos 50/60 em que os temas religiosos perdiam espaço para o avanço da industrialização, da urbanização e da individualização. Nos anos 70 e 80, o centro do debate eram as questões periféricas, os desafios da humanidade e a pobreza. Havia uma dualidade bem definida entre público e privado, sagrado e profano. A religião era debate de segunda via. Porém, alguns aspectos históricos contribuíram para que esse tema voltasse à tona. Na última década ocorreram fatos significativos na sociedade brasileira. O número de evangélicos cresceu de 15% para 22%; um ex-sindicalista (Lula), que atuava junto às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, à Central Única dos Trabalhadores – CUT e ao sindicato, chegou ao poder; e houve um recuo da Igreja Católica em função de uma ação política administrativa do Papa João Paulo II, que determinou o recuo de incentivo às CEBs, deixando também de nomear bispos ligados à Teologia da Libertação – assim, os seminários saíram das mãos de padres da Teologia da Libertação –, e incentivando o movimento pentecostal dentro da Igreja Católica.

E, a religião, enfim, chega à política no discurso eleitoral. Porém, sua grande visibilidade na imprensa não foi responsável pelo sucesso de uma determinada religião, tampouco pelo sucesso de um determinado candidato. Sua importância política e visibilidade social foram, de fato, o ponto central das eleições, mas nesse sentido:

Enquanto recorte de estudos na área de Comunicação, as relações entre mídia e religião mostram-se como um elemento vinculado não só ao processo de midiaticização da própria sociedade, mas também das transformações no cotidiano mais e mais veloz, arquitetado na velocidade dos fluxos ininterruptos de informação disponível em dispositivos móveis e redes sociais. (MARTINO, 2012,p. 223)

Ou seja, a religião está inserida num processo fluido de transformação que afeta a sociedade como um todo. Essa é uma parte integral do desenvolvimento da sociedade moderna e da circulação de informação. Ainda mais numa sociedade, como a brasileira, em que 92% da população declaram-se religiosos<sup>2</sup>.

A Igreja foi o cerne do debate eleitoral. Com direito à espetáculo puro, profusão de imagens. Até que a eleição termina e se fala de outra coisa. E é isso que, a partir daí, existe. (DEBORD, 1997). Como lembramos no início desse artigo, vivemos na era do remix, com todas as áreas da sociedade misturadas, um deslocamento de fronteiras. “O religioso e o político se desterritorializam - multiplicando-se suas instâncias e “flutuando” através das fronteiras culturais, políticas e mesmo econômicas das muitas sociedades contemporâneas.” (BURITY, 2001, p.35) Se há alguma volta aqui, para efeito de nossa discussão, é a da religião à esfera pública, uma penetração ou reabertura dos espaços públicos - institucionalizados ou não - à ação organizada de grupos e organizações religiosas, e não tanto um reavivamento da adesão religiosa, que teria quase desaparecido e regressaria à esfera da cultura. Não existem os temas que são privados e os que são públicos. O que determina a passagem de um tema privado para uma esfera pública é a capacidade dos atores articularem tal temática num debate que se mostre relevante para o interesse geral.

Os problemas gerados pela sociedade são perceptíveis na vida cotidiana, nas histórias de vida de cada um. Desta forma, na medida em que problemas são captados e tematizados na esfera privada, logo poderão ser incorporados nos debates públicos e encaminhados ao sistema político como demanda pública a ser atendida. Segundo Habermas: as associações da sociedade civil “formam o substrato organizatório do público de pessoas privadas que buscam interpretações públicas para suas experiências e interesses sociais [...]” (HABERMAS, 2003b, p. 100).

Num país como o Brasil, mesmo não sendo fervorosamente católico, mas ainda assim, religioso, o tema até que demorou para entrar no centro do debate eleitoral.

---

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=400>> Acesso em: 15 de novembro. 15:30h.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVEIRA, José Renato da. **A tragédia política em Ricardo III**. In: CHAIA, M. (Org.) Arte e Política. São Paulo: Azougue, 2007

BORGES, Susana. **Agendamento**. In: CORREIA, J. C; FERREIRA, G.; ESPÍRITO SANTO, P. (orgs.). Conceitos de Comunicação Política. Covilhã: LabcomBooks, 2010, p. 137-144.

BURITY, Joanildo A. **Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica**. Revista de Estudos da Religião n.4 ,p. 27-45, 2001.

CASTELLS, Manuel. **The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance** .The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 2008. p. 78-93.

CHAIA, Vera. **Lideranças políticas: entre o nascimento e a fabricação**. Revista Aurora. N.14 , v.5, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** – comentários sobre a sociedade do espetáculo. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, RJ. 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Vol II. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.

HJARVARD, S. **The mediatization of society: a theory of the media as agents of social and cultural change**, Nordicom Review, vol 29, no. 2, 2008, pp. 105-134.

MARQUES, A.C.S. **Interrelações entre estética e política: o papel das emoções, da experiência e da narrativa ficcional**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estéticas da

Comunicação, do XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mediação e mídiatização da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas.** In: MATTOS, Maria Ângela; JUNIOR, JederJanotti; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediação & Mídiatização*. Salvador, BA, EDUFBA, 2012. P. 219-244.

MAZZOLENI, G., & SCHUTZ, W. **“Mediatization” of Politics: A Challenge for Democracy?** *Political Communication*, 16 (3), 247-261, 1999.